

## Repensando narrativas na produção audiovisual: *E roubaram a África de mim*

Rethinking narratives in audiovisual production: *And Africa was stolen from me*

Ana Sevilla-Pavón<sup>1</sup>  
Gustavo Tomazi<sup>2</sup>

**Resumo:** A proposta pedagógica aqui apresentada tem a ver com o projeto de criação de uma narrativa audiovisual, cujo objetivo principal foi fomentar a reflexão e permitir aos participantes repensar as narrativas na produção audiovisual por meio da abertura e do incremento de caminhos interpretativos possíveis. A narrativa foi produzida por meio do trabalho colaborativo entre dois tipos de participantes: uns com formação literária e outros com formação audiovisual. O produto desse trabalho colaborativo multidisciplinar foi um projeto muito enriquecedor que mostrou negociações no espaço e que, ao mesmo tempo, foi o resultado das negociações dos próprios autores quanto ao processo criativo.

**Palavras-chave:** Narrativa Audiovisual; Colaboração; Negociações; Espaço; Processo Criativo.

**Abstract :** This didactic proposal revolves around a project for the creation of an audiovisual narrative aimed at fostering reflection while allowing the participants to rethink narratives within audiovisual production by means of opening and increasing the amount of possible interpretations. The narrative resulted from the collaboration between two kinds of participants : those with literary background and those with audiovisual background. The outcome of this multidisciplinary collaborative research was a very enriching project which showed negotiations in space while being the result of negotiations among the authors themselves as far as the creative process was concerned.

**Keywords:** Audiovisual Narrative; Collaboration; Negotiations; Space; Creative Process.

### 1. Introdução

A proposta pedagógica aqui apresentada tem a ver com o projeto de criação de uma narrativa audiovisual, “E roubaram a África de mim”<sup>3</sup>, cujo objetivo principal foi

---

<sup>1</sup> Professora Assistente na Faculdade de Filologia, Tradução e Comunicação da Universitat de València, Espanha.

<sup>2</sup> Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

fomentar a reflexão e permitir aos participantes repensar as narrativas na produção audiovisual por meio da abertura e do incremento de caminhos interpretativos possíveis. A temática da narrativa escolhida se inspirou numa peça teatral e num poema. A peça teatral que inspirou a narrativa foi publicada por Michel Deutsch em 1995: *La Nègresse Bonheur: divertissement populaire avec chœur d'hommes et voix de femmes*. O título da peça faz referência a um recorte de papel do artista plástico Henri Matisse, de 1952, representando um homem negro, nu e rodeado por flores. O subtítulo, cuja tradução poderia ser "Divertimento popular com coro de homens e vozes de mulheres", estabelece uma conexão irônica com o teatro da Grécia antiga, no qual o canto era a base do teatro. Quanto ao poema escolhido, que dá título ao vídeo, foi escrito pela poeta baiana Valdelice Pinheiro: "Um dia eu nasci na África / Mas me roubaram da África / E roubaram a África de mim." A peça e o poema foram escolhidos porque ambos apresentavam muitas possibilidades para o trabalho interdisciplinar de abertura e potencialidade de encontros que poderiam ajudar os alunos a repensar as narrativas audiovisuais.

## 2. Metodologia

A narrativa audiovisual "E roubaram a África de mim" foi produzida por meio do trabalho colaborativo entre uma pessoa com formação literária e uma pessoa com formação (áudio) visual. O produto da colaboração interdisciplinar foi um projeto muito rico que mostrou negociações no espaço e que, ao mesmo tempo, foi o resultado das negociações dos autores quanto ao processo criativo. O ponto de partida foi uma narrativa que seguia as convenções de gênero narrativo e audiovisual quanto ao espaço, tempo e lugar. No entanto, nas 4 cenas que compõem o vídeo final, foram criadas progressivamente diferentes aberturas que foram possibilitadas pelos elementos do vídeo criado, visando a encontrar o que, de acordo com Massey (2008), seria a heterogeneidade do espaço, a abertura, ou a potencialidade dos encontros que provocam desvios e transformações:

Primeiro, reconhecemos o espaço como o produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações desde a imensidão do global até o intimamente pequeno. Segundo, compreendemos o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=txdhG4XWygE>

esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade. Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço. Se o espaço é, sem dúvida, o produto de inter-relações, então deve estar baseado na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são coconstitutivos. Terceiro, reconhecemos o espaço como estando sempre em construção. Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações – entre relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca fechado (MASSEY, 2008, p. 29).

O vídeo foi produzido por meio da elaboração de ilustrações com o aplicativo *Artist's Touch* do *IPad*, que permite criar diferentes efeitos e composições de imagem com mídias de arte diversas, como lápis, óleo, aquarela, etc. As ilustrações foram sequenciadas no programa de edição de vídeo *Adobe Premiere Pro CC*, o qual faz parte do pacote *Creative Cloud* da *Adobe* e permite a importação de conteúdo multimídia a partir de qualquer tipo de mídia, inclusive aqueles gravados a partir de um celular e de câmeras. Quanto ao áudio, foi gravado com *Audacity*, um gravador de áudio totalmente gratuito, com recursos profissionais e vários efeitos. Depois, o áudio foi modificado e sincronizado com as diferentes cenas do vídeo. O último elemento usado foi a trilha sonora, a qual consistiu-se em músicas de Rokia Traoré: “Live au 104”<sup>4</sup> e Jane Birkin & Serge Gainsbourg: “La décadanse”<sup>5</sup>.

### 3. Análise do processo criativo

Após a discussão em sala de aula, os participantes decidiram descartar a ideia inicial de que a ação acontecesse numa cidadezinha qualquer do interior no norte da França. Em vez disso, os lugares mostrados no vídeo foram deixados em aberto propositalmente, isto é, não foram especificados. No entanto, não se menciona explicitamente a África e se mostram cenas que podem ser facilmente entendidas como acontecendo na Europa.

Graças, principalmente, às ilustrações e às vozes manipuladas para serem mais graves ou mais agudas, os personagens também sofreram um processo de abertura, pois passaram a não ser identificados pelo nome e a não terem uma corporalidade, o que deixava aberta a possibilidade de que fossem tanto homens como mulheres, com uma opção sexual indefinida. O número de personagens da ideia inicial foi reduzido e

---

<sup>4</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=xB\\_EEFcM6TE](https://www.youtube.com/watch?v=xB_EEFcM6TE)

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nGdp7AI7D6A>

também se excluíram as relações e conflitos entre muitos deles, os quais tinham sido sugeridos inicialmente. Assim, o foco no vídeo final são os 3 personagens (anteriormente chamados) Alika, Benjamin e a mãe de Benjamin e, especificamente, o conflito entre a Alika e a mãe.

A primeira cena do vídeo e a última foram feitas com a mesma ilustração (Figura 1), para que não fosse possível saber se essa ilustração correspondia ao início ou ao fim do filme, nem se o fato de a mesma imagem ser mostrada no início e no final faz ou não referência a um processo cíclico, a um sonho ou pensamento sem começo nem fim. Essa abertura tinha a intenção de dar liberdade ao espectador para escolher seu próprio caminho interpretativo, o que fez com que pudesse haver tantos caminhos possíveis como espectadores, contribuindo a dar mais força à temática apresentada.

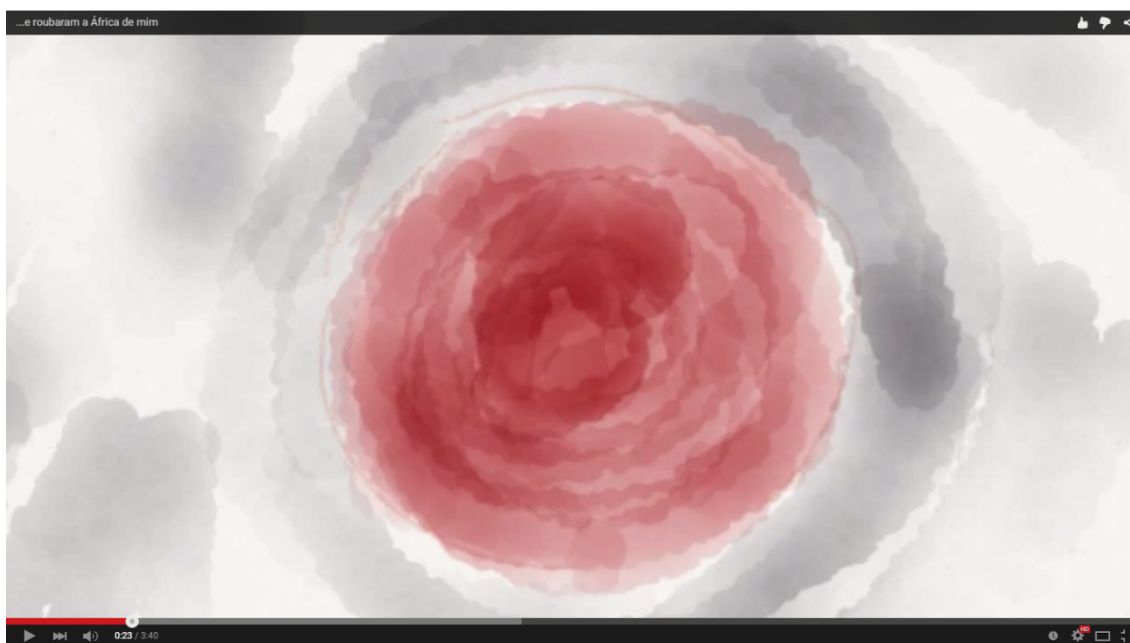


Figura 1 - Primeira e última cena do filme “... E roubaram a África de mim”, de Sevilla-Pavón e Tomazi.

A metáfora da lua vermelha está muito presente no vídeo, sendo que essa lua simboliza coisas diferentes para cada personagem. A lua aparece como um dos elementos mais ambíguos do vídeo, pois pode ser confundida com um sol. Além disso, a lua é alternativamente focada e desfocada, o que mostra um desvio quanto à linguagem convencional do cinema, na qual esse efeito poderia ser entendido como um

erro da lente. Neste caso, esse efeito não é um erro nem um enfeite, pois ele carrega um elevado conteúdo semântico: destaca a importância da lua na ação e cria um dinamismo que se opõe à falta de movimento dos personagens.

Quanto aos 3 personagens do vídeo, Alika, como elemento deslocador, representa tudo aquilo que é diferente, a alteridade. Benjamin, como elemento deslocado, é um europeu que se apaixona por Alika e por tudo aquilo que ela representa para ele. A partir do deslocamento espacial do Benjamin à África e, depois, da ida de Benjamin e de Alika à França, surge uma oposição de espaços que não está apenas relacionada com a distância física: ela também é criada pelo inconsciente coletivo, pelas imagens que a educação visual e cultural tradicionais colocam no indivíduo (como espectador) quanto a um país qualquer da Europa e quanto a um país qualquer da África. Para Benjamin, Alika simboliza a África e um estado mais primitivo e selvagem de inocência do ser humano e a possibilidade da diferença, da quebra do espaço homogêneo e constrangedor europeu. Além disso, para o Benjamin, a África é um lugar distante e exótico onde todo o mundo pode obter o que deseja, sem obrigações, sem as pressões familiares. Na África, é possível ter um modo de vida muito simples e natural, em harmonia com o universo: para ele ter isso é tão prezado como “*obter a lua vermelha do céu*”, sendo essa frase uma das poucas que o Benjamin diz no vídeo, em forma de monólogo interior.

Se, no planejamento inicial, o vídeo iria ter mais de 40 cenas, o encontro entre uma visão literária e um enfoque mais visual e as negociações que foram feitas entre ambas levaram, num primeiro momento, a reduzir as cenas a 14, e depois, 4. Essa “redução da redução” foi feita para uma melhor adaptação de um roteiro literário (quase teatral) à linguagem audiovisual e para atingir uma maior abertura interpretativa. Nesse processo se perderam alguns elementos importantes, mas se ganharam muitos outros. Também aumentou a potência do filme quanto à possibilidade de abrir novos caminhos interpretativos. Por exemplo, é possível entender a Alika como um signo divergente e em oscilação, o que faz que o Benjamin e os espectadores possam também entrar em oscilação. Ela é a personagem mais dispersiva e a personificação da alteridade e o rompimento, bem como um signo à deriva que pode provocar variações em outras trajetórias, alterando a vida tranquila, monótona e previsível da cidadezinha europeia

aonde ela chega e, especificamente, mudando a vida da mãe de Benjamin e até do próprio Benjamin.

Alika aparece para mostrar, embora que seja de maneira inconsciente, que uma ideia diferente de espaço é possível, pois ela não aceita a ideia de espaço que foi imposta historicamente pela mãe de Benjamin. A marca do espaço de onde ela vem, na opinião da mãe, está relacionada com um lugar de magia, mistério, bruxaria e primitivismo. E mesmo o Benjamin, que é o único personagem não africano que conhece a África, parece acreditar nessa ideia e nessa imagem irreal e estereotipada da África. Isso mostra que, mesmo tendo visitado e conhecido um espaço, é difícil quebrar as ideias dominantes em relação aos espaços, as quais são impostas pelo poder e estão muito presentes na educação visual e cultural dos indivíduos, pois, às vezes, a experiência pessoal/corporal não é suficiente para alterar certas ideias acerca dos lugares.

No entanto, Benjamin aparece oscilando entre esses polos de ideias sobre a África e isso pode ser devido não ao fato de ter ido lá, mas ao amor que ele sente por Alika e pela vida livre que ela representa. Os personagens de Alika e Benjamin são entendidos em oscilação devido à necessidade de estabelecer novas negociações com os espaços África e Europa. Há uma grande tensão na não negociação que a Alika e o Benjamin estabelecem com a mãe e com os dois lugares entre os quais estão divididos. Eles estão em fuga, enquanto a mãe está parada ou fixa com mais força, motivo pelo qual será ela quem entra em conflito fatal com aquela que quer se estabelecer ali, na Europa, exatamente como era lá, na África: Alika.

Alika aparece no meio de dois espaços, a África e a Europa, e sente que não pertence a nenhum dos dois. Assim também é Benjamin, que é europeu mais se sente mais identificado com a África. Ambos se configuram como “entre-espacos”, o que faz com que a tensão do filme aumente. Essa oscilação contrasta com a posição da mãe, que é o signo mais autoritário do filme, sempre identificado com o lado europeu, até o ponto em que ela não consegue aceitar Alika, o que irá trazer trágicos resultados no fim do filme. No caso de Alika, ela não se sente reconhecida nem aceita em nenhum dos dois espaços do jeito que ela é, mas também não aceita ser de qualquer outro jeito. O signo-personagem que oscila também é autoritário, pois não aceita se misturar – ser afetado ou

metamorfosar-se – nos encontros que ela tem, nesse caso, com a mãe do Benjamin. Ela força o espaço a ser outro – ela cria outras negociações – na medida mesma que se nega a ser “atravessada” ou modificada por esse mesmo espaço.

A ideia inicial dos autores era que a mãe morresse assassinada, aparentemente por Alika, de uma forma brutal: *“No meio da bagunça macabra e sangrenta da sala, ela cantarolava e suas mãos viraram vermelhas, vermelhas de sangue...”*. No entanto, os autores resolveram deixar o final em aberto, por meio da cena da faca, na qual não é possível saber o que aconteceu realmente no assassinato. Nas três cenas prévias: O Benjamin e a Alika olhando para a lua vermelha da África; o Benjamin e a Alika chegando à casa da mãe na Europa; a mãe do Benjamin observando desconfiada a Alika na cozinha - as ilustrações tinham sido mostradas em pedaços, para depois revelar o conjunto, por meio de planos fixos e acompanhados por uma alegre música africana tradicional. Neste último momento há uma dupla quebra, pois a música passa a ser uma inquietante música francesa mais moderna. Muda-se o tipo de plano, que deixa de partir do detalhe para depois abrir para o geral: neste caso, aparece em primeiro plano uma misteriosa mão segurando uma faca coberta de sangue. Não é possível saber se a mãe matou a Alika, se a Alika matou a mãe, ou se foi um animal quem morreu (já que Alika estava cozinhando). Há, além das possibilidades mencionadas, outras muitas possibilidades interpretativas. Por exemplo, considerar que todo estivesse na imaginação de Alika, do Benjamin ou dos dois, ou que o que aconteceu tivesse sido apenas um sonho ou desejo não realizado.

O vídeo mostra as visões de alteridade dos três personagens e as reações que a alteridade provoca em cada um, que oscilam entre a atração e a repulsão. Alika vem de um continente em que a imaginação popular europeia relaciona-se com selvageria e primitivismo, com bruxaria e com sexualidade. A cena da cozinha mostra a rejeição da mãe do Benjamin, que acredita que Alika seja uma prostituta ou uma bruxa. Essa acusação fica em aberto e mantém a personagem na ambiguidade. A mãe do Benjamin só consegue ver Alika através do filtro de seus preconceitos e da sua paranoia, e não como um ser humano: *“(...) Há menos gatos na rua! Está envenenado a nossa comida. Será bruxaria?”*.



O símbolo da lua vermelha é percebido de maneira diferente por Benjamin e sua mãe. Para Benjamin, a lua vermelha simboliza a África, com conotações muito positivas que são reforçadas pelo amor que ele sente por Alika: *"Você não pode esperar que todo o mundo ame a África (...) Mas eu tive a África no sangue (...) Eu sempre soube que isso bastava para obter a lua vermelha do céu"*. Ele tem uma imagem idealizada da África, lá ele situa a lua vermelha de paixão e calor, pois é um lugar onde as regras ocidentais e o modo de vida europeu não são mais válidos. Retornando à Europa com Alika, ele quer que a África “que tinham roubado dele” esteja de novo presente na sua vida para que as coisas positivas da África permaneçam com ele para sempre. Desse modo, o segundo poema mostrado no início do vídeo fica mais aberto, quebrando a ideia inicial de que esse poema é referido à Alika. Assim, poderia se pensar que o poema, embora fale da África, faz referência ao Benjamin e até a aquilo que Alika é para o Benjamin, pois ela poderia ser considerada uma “mulher-áfrica”, que nasceu dentro “dele-homem-branco-ideia-de-África”. A incompreensão que o Benjamin sofre será visível quando a mãe dele diz: *"Eu deveria ter evitado que ele perseguisse luas vermelhas (...). Sua cabeça está perturbada"*.

#### **4. Considerações finais**

A proposta pedagógica de criação de uma narrativa audiovisual atingiu seu objetivo de fomentar a reflexão e permitir aos autores do vídeo repensar as narrativas na produção audiovisual. A temática da narrativa escolhida permitiu aos autores explorar as inúmeras possibilidades para o trabalho interdisciplinar de abertura e potencialidade de encontros no espaço. Além disso, o projeto contribuiu para que os alunos pudessem repensar as narrativas audiovisuais desde vários pontos de vista. Os autores partiram do fechado e convencional até chegar ao aberto e experimental, pois a narrativa que criaram evoluiu progressivamente e passou de um produto mais ou menos convencional a tornar-se muito mais aberto e, por este motivo, mais interessante. Desse modo, foram ampliadas as possibilidades interpretativas dos espectadores potenciais e mesmo dos autores, pois todos eles entraram em oscilação.



## REFERÊNCIAS

BIRKIN, J. & GAINSBURG, S. **La décadanse**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nGdp7AI7D6A> Último acesso: 04 mai. 2015.

DEUTSCH, M. **La négresse bonheur**: divertissement populaire avec chœur d'hommes et voix de femmes. Paris: Arche éditeur, 2005.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda., 2008.

PINHEIRO, V. **E roubaram a África de mim**. Em: SIMÕES, MLN (Ed.), Expressão poética de Valdelice Pinheiro. Ilhéus: EDITUS, 2002.

SEVILLA PAVÓN, A.; TOMAZI, G. **E roubaram a África de mim**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=txdhG4XWygE> Último acesso: 04/05/2015.

TRAORÉ, R. **Live au 104**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=xB\\_EEFcM6TE](https://www.youtube.com/watch?v=xB_EEFcM6TE) Último acesso: 04/05/2015.